



Visita de Estudo Ornitológico SPEA ao Sudeste de Portugal 2023

25 a 28 de maio de 2023



Participantes:

José Eduardo Antunes, Ana Cristina Campanela, Luís Miguel Vieira,
José Afonso Graça, e Melissa Jefferson

Guia SPEA:

Domingos Leitão

Organização:

Lara Broom e Domingos Leitão,
Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (RNAAT nº605/2016)

Relatório:

Domingos Leitão

Listas no portal PortugalAves eBird:

Luis Miguel Vieira

Foto da capa:

Águia-imperial (*Aquila adalberti*), eleita pelo grupo como a ave da visita. (Foto: José Graça)

Esta foi uma visita de estudo ornitológico de quatro dias (três noites) ao extremo Sudeste de Portugal Continental, uma das regiões mais secas e mais áridas do país, onde ocorrem várias espécies de aves raras e difíceis de encontrar noutras regiões de Portugal. Em quatro dias percorremos o vale do rio Guadiana e os seus afluentes, desde Elvas até Vila Real de Santo António, usando como base três hotéis diferentes, em Terena, Mértola e Monte Gordo. Foi possível aos participantes explorar alguns dos habitats termo-mediterrânicos da região e descobrir as aves especiais que abrigam.

ITINERÁRIO

Dia 1 – Quinta-feira, dia 25 de maio: Lisboa – Caia e Alqueva

Esta jornada começou às sete horas da manhã, em frente à nova sede da SPEA, em Lisboa. Todos chegaram a horas e dez minutos depois estávamos a caminho do Alto Alentejo. Fizemos uma paragem para café e WC numa estação de serviço da A6, e às nove e meia estávamos em Elvas, a observar aves na ribeira do Caia. Começava já a fazer muito calor, mas havia ainda muitos pássaros a cantar, e isso entusiasmou do grupo. Ficámos ainda mais entusiasmados quando ouvimos uma felosa-pálida a cantar dentro de uma pequena mancha de eucaliptos, mesmo ao lado da nossa carrinha. Ouvimos o seu canto, que lembra um rouxinol-dos-caniços, durante mais de 20 minutos, tentamos ver a ave de vários ângulos em redor do pequeno bosque, mas não se deixou ver. Este primeiro falhanço não afetou o grupo, até porque a ribeira estava cheia de aves. Durante uma hora vimos ou ouvimos codorniz, garça-vermelha, íbis-preta, abelharuco, papa-figos, rouxinol-comum, rouxinol-bravo, felosa-poliglota e pardal-montês. Nada mau para o primeiro sítio. Na saída da herdade da Alfarófia, numa charca com o mesmo nome, vimos goraz, garçote, rouxinol-dos-caniços e gaivina-pauis. Esta última, é uma espécie ameaçada em Portugal e extremamente rara. Foi um privilégio observar dois indivíduos adultos, com o seu voo elegante, durante vários minutos.

Com belas aves no cartão de memória e o calor a apertar atravessamos a fronteira para Espanha e fomos diretos à foz da ribeira do Caia. Um local muito aprazível, com enormes choupos e freixos e vistas largas para o Guadiana, parcialmente coberto de nenúfares. Fizemos ali o nosso primeiro piquenique, à sombra das árvores e com banda sonora de abelharucos e papa-figos. Depois do piquenique, desafiámos o calor e demos uma volta em busca de aves. Conseguimos ver garçote, papa-ratos, guarda-rios, picanço-barreteiro e rouxinol-grande-dos-caniços. O calor era muito e por isso decidimos voltar na direção de Portugal e procurar um café. Mas havia ainda um local para dar uma vista de olhos, mesmo às portas de Badajoz, o açude do Guadiana. Valeu a pena visitar este local, mesmo com muito calor, pois mal chegamos ouvimos de imediato o pio agudo, quase impercetível, do chapim-de-mascarilha. O difícil era encontrar o pequeno pássaro nas manchas de caniço, tabua e salgueiros, mas com alguma insistência lá apareceu um, a transportar material de construção para o ninho. Depois vimo-lo e fotografámo-lo, durante longos minutos, a cantar e a contruir o ninho. Para além desta “jóia” ornitológica, ainda vimos camão, garçote, papa-ratos e várias outras garças, íbis e colhereiros, na sua azáfama entre os locais de alimentação e uma grande colónia no meio do açude.



Chapim-de-mascarilha (*Remiz pendulinus*). (Foto: José Graça)

Fomos tomar um merecido café com gelo a Elvas, e depois seguimos para uma viagem de uma hora até à herdade de D. Pedro, em Terena, onde situava o hotel rural que nos ia acolher. Nas imediações do hotel vimos águia-sapeira, perdiz e mocho-galego. Depois do check-in e de deixar as malas nos quartos, uns foram para a piscina e outros foram dar uma volta à praia de Monsaraz, na barragem do Alqueva. O passeio ao “grande lago do Sul” compensou, com a observação de grande número de tagazes, chilretas, perdizes-do-mar, pernilongos e borrelhos-pequenos-de-coleira. Voltámos para o hotel, jantamos um delicioso jantar e fomos dormir, pois o dia tinha sido longo e frutuoso, mas cansativo.

Dia 2 – sexta-feira, dia 26 de maio: Mourão, Barrancos e Mértola

O segundo dia começou às sete e um quarto, com um delicioso pequeno-almoço. Saímos cerca das oito horas, na direção da fronteira de São Leonardo, em Mourão. Às nove e meia estávamos novamente em Espanha, desta vez na área estepária que rodeia a barragem dos Cuncos. Estávamos com vontade de ver aves estepárias, e elas não nos deixaram ficar mal. O desfile foi de 12 cortiçóis-de-barriga-preta, poupas, abelharucos, picanço-real, calhandrinha-comum e calhandra-real. Depois do *show* dos cortiçóis, fomos tomar um café às portas de Mourão, e seguimos na direção de Barrancos. Na beira da estrada, junto à aldeia da Granja, outro momento alto. Mais de trinta grifos e alguns abutres-pretos, a levantar de um local nas proximidades. Um dos abutres-pretos encontrava-se pousado a pouco mais de 100 metros de nós, proporcionando excelentes fotos e observações com o telescópio.

Chegamos a Barrancos pelas 11 horas e iniciámos a pequena estrada que nos leva ao Castelo de Noudar. Logo na travessia da ribeira da Múrtega fomos brindados com a primeira cegonha-preta. Nos oito quilómetros que distam de Barrancos a Noudar, foi um *show* de aves que não vemos todos os dias, tais como pardal-francês, picanço-barreteiro, gavião, abutre-preto, águia-cobreira e duas águias-imperiais imaturas. Estas últimas foram observadas com condições de vento e luz muito desfavoráveis, que não permitiu uma identificação segura no local, mas depois vistas as fotos não restaram dúvidas. Fazendo uma analogia com o futebol, valeu-nos o “vídeo-árbitro”. No castelo de Noudar havia poucas aves, talvez devido ao adiantado da hora e ao vento forte que se fazia sentir. Ainda assim foi possível observar mais duas cegonhas-pretas e a extraordinária vista do vale internacional do rio Ardila, uma das paisagens mais icónicas das zonas remotas do Sul de Portugal. Comemos o nosso piquenique debaixo de uma azinheira, com vista para o castelo e para o Ardila, e depois regressámos a Barrancos, para café e WC.



Pardal-francês (*Petronia petronia*). (Foto: José Graça)

Pelas 15 horas seguimos na direção Mértola. Antes da aldeia de Safara fizemos uma paragem na ribeira do Murtigão, um sítio mítico para o guia, onde há trinta anos tinha visto a sua primeira águia-imperial. Acabámos por provar que a mística do local se mantém, pois para além da rola-brava, papa-figos e toutinegra-de-bigodes, apareceu uma águia-real adulta a dançar ao vento, que ficou por ali a dar *show* por mais de 15 minutos. Uma observação para ficar gravada na memória por muitos anos. Depois seguimos para a serra de Ficalho, mas nem parámos, uma vez que o nosso destino era mais a Sul. Pelas cinco da tarde chegámos à Mina de São Domingos e, apesar de estar ainda calor, notava-se alguma atividade ornitológica. Fomos de imediato brindados com dois torcicolos, um deles deixou-

se ver bastante bem. Seguimos pela paisagem arqueológica industrial em busca de duas especialidades, o andorinhão-cafre e o chasco-ruivo. A primeira, apesar deste ser um dos melhores locais para a sua observação, não se dignou a aparecer, a segunda apareceu com fartura. Vimos pelos menos quatro chascos-ruivos machos, uma espécie de incrível beleza, que surgiu nas duas formas, a de garganta preta e a de garganta branca. Para além dos chascos, vimos também o primeiro melro-azul da visita, detetado pelo José Graça, depois de dois falhanços embaraçosos. Mas no nosso grupo não temos medo de falhar, só não falha quem não procura aves e não arrisca a sua identificação no momento.



Chasco-ruivo, forma de garganta preta (*Oenanthe hispanica*). (Foto: José Graça)

Já passava das seis da tarde, quando seguimos para Mértola, para comprar provisões para os próximos dias e para fazer check-in no Hotel Museu. O cansaço era muito, mas depois de um belo jantar no Restaurante Cegonha-branca, alguns de nós ainda foram tentar ouvir mochos e noitibós. Mas não tivemos sorte e fomos descansar cedo, que bem merecíamos e necessitávamos.

Dia 3 – Sábado, dia 27 de maio: Castro Verde – Castro Marim

O pequeno-almoço foi um pouco mais tarde, por causa do grande número de ciclistas hospedados no hotel. Após o repasto matinal, saímos diretos à ribeira de Oeiras, para ver francelhos e apanhar a passarada a contar. Não havia francelhos, provavelmente já tinham abandonado os ninhos, mas havia muitos pássaros. Vimos e ouvimos rola-brava, papafigos, melro-azul a alimentar um juvenil, e duas ou três cias, entre as quais um macho muito perto. De seguida fomos às Azenhas do Guadiana, para tentar a nossa sorte com o andorinhão-cafre. Esta espécie, mais uma vez desiludiu, e deixou-se ver apenas por breves segundos e apenas pelo guia. Mas no local havia guarda-rios, rola-brava, bico-grossudo e a beleza da paisagem ribeirinha. Por isso não ficámos a perder.

A meio da manhã, finalmente abandonamos a vila de Mértola e fomos diretos à estepe de Castro verde, onde chegamos pelas 11 horas. Parámos na beira da estrada, após a aldeia de São Marcos da Atabueira, e logo começaram a aparecer aves interessantes, um cuco-rabilongo juvenil, um rolieiro, uma águia-caçadeira e duas abetardas, sacadas a ferros, novamente pelo José Graça. Depois seguimos para a aldeia do Guerreiro e depois por terra batida até à porta da Reserva Biológica da Herdade de São Marcos. Neste circuito vimos muitos francelhos, calhandras-reais e calhandrinhas-galuchas, um chasco-ruivo, vários rolieiros, várias águias-caçadeiras e mais de 10 cortiçóis-de-barriga-preta. Piquenicámos ali mesmo, no meio da estepe, ao som dos cortiçóis e das calhandras, e depois fomos procurar

um café. Mas o café no Guerreiro estava fechado, e tivemos de seguir para Sul, primeiro Figueirinha e depois Penilhos. Foi entre estas duas aldeias, que fizemos a observação mais espetacular do dia, e uma das mais espetaculares da visita. Tivemos de parar por causa da passagem de um rebanho de ovelhas, nesse momento o guia viu duas aves negras enormes pousadas num cabeço do outro lado do vale. Pensando tratar-se de abutres decidiu colocar o telescópio, mas enganou-se, eram duas águias-imperiais adultas. Descemos rapidamente até ao vale, aproximamos a uma distância segura, e vimos durante alguns minutos um casal da ave de rapina mais rara do país, ali a poucas centenas de metros. Fomos tomar café em Penilhos, muito satisfeitos com a nossa sorte.

Cercas das 15 horas seguimos para Sul, com a missão de observar o solitário. Para isso selecionámos quatro ribeiras para prospectar, Carreiras, Vascão, Foupana e Odeleite. Não tivemos sorte, estivemos em ribeiras lindíssimas, vimos montes de aves, mas nada de solitário. Vimos borrelho-pequeno-de-coleira, rola-brava e papa-figos em quase todas, e ainda vimos uma águia-cobreira, uma águia-real juvenil e um casal de águias-perdigueiras na ribeira do Vascão. Mas a meio da jornada o céu começou a fechar e abateu-se sobre nós uma trovoadas persistente, e tivemos de abortar a operação solitário.

Quando chegámos a Monte Gordo já estava um sol radioso. Depois do *check-in* no Hotel Casablanca, uns foram passear até à praia e outros foram descansar. Depois do terceiro e último jantar delicioso fomos dormir mais cedo, porque no dia seguinte sairíamos cedo, para tentar aproveitar a manhã, e tínhamos viagem de regresso.

Dia 4 – Domingo, dia 28 de maio: Vila Real de Santo António - Lisboa

Pequeno-almoço às 8 horas, depois de uma noite barulhenta, com festejos dos adeptos benfiquistas. Saímos às 9 horas, e 10 minutos depois já tínhamos visto perdiz-do-mar e borrelho-coleira-interrompida. Estávamos no salgado do Cunha d'Eça e procurávamos calhandrinhas-das-marismas nas áreas abertas entre a vegetação de sapal. Primeiro fizeram-se difíceis e depois deixaram-se ver e fotografar prolongadamente. Com o primeiro *check*, seguimos para a salina do Serro do Bufo. Aí foi um *show* de passarada: garça-vermelha, mergulhão-de-crista, chilretas, perdizes-do-mar, 60 gaivotas-de-bico-fino, alfaiares, tadornas e 2 alcaravões.



Gaiivota-de-bico-fino (*Chroicocephalus genei*). (Foto: Luis Vieira)

Antes de almoço ainda fomos ao sapal de Venta Moinhos para ver toutinegra-tomilheira, mas com tanto calor e secura da vegetação arbustiva, esta espécie já deveria estar em

migração de volta para África. Mas não perdemos a viagem, e vimos pilrito-de-peito-preto, pilrito-pequeno, perna-vermelha, águia-pesqueira e águia-caçadeira. Fizemos o nosso último piquenique junto a sede da Reserva Natural e tomámos café na aldeia de Monte Francisco.

Depois do almoço iniciámos a viagem de regresso a Lisboa. Fizemos uma paragem noutra local da ribeira do Vascão, para observar o último melro-azul e o último papa-figos. Fizemos uma paragem na ribeira da Maria Delgada, em Castro Verde, numa última tentativa para o solitário. A ribeira tinha muita corrente e havia alguma disrupção em resultado das chuvas intensas do dia anterior. Observámos muitos guarda-rios e finalmente dois solitários. Mas os solitários não estavam a cantar, estavam algo agitados e só deixaram ver por breves momentos e por alguns do grupo. Um bichinho anormalmente difícil de observar. Chegámos à Sede da SPEA em Lisboa, pelas 18 horas, e dissemos adeus, com a promessa de nos encontrarmos em futuras visitas ornitológicas.

É verdade que fomos prejudicados pelo calor e pela forte trovoadas do terceiro dia. É verdade que tínhamos uma lista de espécies escassas e não conseguimos observá-las todas. Mas vimos um leque fantástico de espécies e fizemos observações extraordinárias. Observar 11 grandes águias em 4 dias só é possível em locais muito especiais do país. A observação de aves na natureza é assim, muitas vezes não vemos aquilo que viemos procurar, mas acabamos por encontrar outras coisas que são também interessantes. Nas visitas a locais remotos de importância natural, nunca saímos de mãos vazias, e normalmente saímos de alma cheia. Estou certo que esta visita de estudo ornitológico pode ser considerada uma dessas situações maravilhosas.



Foto do grupo, sapal de Venta Moinhos (Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e VRSA). Foto: DLeitão/SPEA

Lista de aves (130 espécies):

Ver relatório detalhado no PortugalAves/eBird (<https://ebird.org/tripreport/135085>)

Ganso-do-egito (sp. exótica)	<i>Alopochen aegyptiaca</i>
Tadorna	<i>Tadorna tadorna</i>
Pato-real	<i>Anas platyrhynchos</i>
Codorniz	<i>Coturnix coturnix</i>
Perdiz	<i>Alectoris rufa</i>
Flamingo	<i>Phoenicopterus roseus</i>
Mergulhão-pequeno	<i>Tachybaptus ruficollis</i>
Mergulhão-de-crista	<i>Podiceps cristatus</i>

Pombo-das-rochas (var. doméstica)	<i>Columba livia</i>
Pombo-torcaz	<i>Columba palumbus</i>
Rola-brava	<i>Streptopelia turtur</i>
Rola-turca	<i>Streptopelia decaocto</i>
Cortiçol-de-barriga-preta	<i>Pterocles orientalis</i>
Abetarda	<i>Otis tarda</i>
Cuco-rabilongo	<i>Clamator glandarius</i>
Andorinhão-preto	<i>Apus apus</i>
Andorinhão-pálido	<i>Apus pallidus</i>
Andorinhão-cafre	<i>Apus caffer</i>
Galinha-d'água	<i>Gallinula chloropus</i>
Camão	<i>Porphyrio porphyrio</i>
Alcaravão	<i>Burhinus oedicephalus</i>
Pernilongo	<i>Himantopus himantopus</i>
Alfaiate	<i>Recurvirostra avosetta</i>
Borrelho-de-coleira-interrompida	<i>Charadrius alexandrinus</i>
Borrelho-grande-de-coleira	<i>Charadrius hiaticula</i>
Borrelho-pequeno-de-coleira	<i>Charadrius dubius</i>
Pilrito-de-peito-preto	<i>Calidris alpina</i>
Pilrito-pequeno	<i>Calidris minuta</i>
Perna-vermelha	<i>Tringa totanus</i>
Perdiz-do-mar	<i>Glareola pratincola</i>
Gaivota-de-bico-fino	<i>Chroicocephalus genei</i>
Guincho	<i>Chroicocephalus ridibundus</i>
Gaivota-de-patas-amarelas	<i>Larus michahellis</i>
Chilreta	<i>Sternula albifrons</i>
Tagaz	<i>Gelochelidon nilotica</i>
Gaivina-dos-pauis	<i>Chlidonias hybrida</i>
Cegonha-preta	<i>Ciconia nigra</i>
Cegonha-branca	<i>Ciconia ciconia</i>
Corvo-marinho	<i>Phalacrocorax carbo</i>
Garçote	<i>Ixobrychus minutus</i>
Garça-real	<i>Ardea cinerea</i>
Garça-vermelha	<i>Ardea purpurea</i>
Garça-branca-pequena	<i>Egretta garzetta</i>
Carraceiro	<i>Bubulcus ibis</i>
Papa-ratos	<i>Ardeola ralloides</i>



Papa-ratos (*Ardeola ralloides*). Foto: DLeitão/SPEA

Goraz	<i>Nycticorax nycticorax</i>
Íbis-preta	<i>Plegadis falcinellus</i>
Colhereiro	<i>Platalea leucorodia</i>
Águia-pesqueira	<i>Pandion haliaetus</i>
Abutre-preto	<i>Aegypius monachus</i>
Grifo	<i>Gyps fulvus</i>
Águia-cobreira	<i>Circaetus gallicus</i>
Águia-calçada	<i>Hieraaetus pennatus</i>
Águia-imperial	<i>Aquila adalberti</i>
Águia-real	<i>Aquila chrysaetos</i>
Águia-perdigueira	<i>Aquila fasciata</i>
Águia-sapeira	<i>Circus aeruginosus</i>
Águia-caçadeira	<i>Circus pygargus</i>
Gavião	<i>Accipiter nisus</i>
Milhafre-real	<i>Milvus milvus</i>
Milhafre-preto	<i>Milvus migrans</i>
Águia-d'asa-redonda	<i>Buteo buteo</i>
Mocho-galego	<i>Athene noctua</i>
Poupa	<i>Upupa epops</i>
Guarda-rios	<i>Alcedo atthis</i>
Abelharuco	<i>Merops apiaster</i>
Rolieiro	<i>Coracias garrulus</i>
Torcicolo	<i>Jynx torquilla</i>



Torcicolo (*Jynx torquilla*). Foto: José Graça

Peto-real-ibérico	<i>Picus sharpei</i>
Francelho	<i>Falco naumanni</i>
Peneireiro-de-dorso-malhado	<i>Falco tinnunculus</i>
Papa-figos	<i>Oriolus oriolus</i>
Picanço-real-meridional	<i>Lanius meridionalis</i>
Picanço-barreteiro	<i>Lanius senator</i>
Gaio	<i>Garrulus glandarius</i>
Charneco	<i>Cyanopica cooki</i>
Pega	<i>Pica pica</i>

Gralha-de-nuca-cinzenta	<i>Corvus monedula</i>
Gralha-preta	<i>Corvus corone</i>
Corvo	<i>Corvus corax</i>
Chapim-azul	<i>Cyanistes caeruleus</i>
Chapim-real	<i>Parus major</i>
Chapim-de-mascarilha	<i>Remiz pendulinus</i>
Calhandrinha-galucha	<i>Calandrella brachydactyla</i>
Calhandra-real	<i>Melanocorypha calandra</i>
Calhandrinha-das-marismas	<i>Alaudala rufescens</i>
Cotovia-das-árvores	<i>Lullula arborea</i>
Cotovia-escura	<i>Galerida theklae</i>
Cotovia-de-poupa	<i>Galerida cristata</i>
Fuinha-dos-juncos	<i>Cisticola juncidis</i>
Felosa-pálida-ocidental	<i>Iduna opaca</i>
Felosa-poliglota	<i>Hippolais polyglotta</i>
Rouxinol-pequeno-dos-caniços	<i>Acrocephalus scirpaceus</i>
Rouxinol-grande-dos-caniços	<i>Acrocephalus arundinaceus</i>
Andorinha-das-barreiras	<i>Riparia riparia</i>
Andorinha-das-rochas	<i>Ptyonoprogne rupestris</i>
Andorinha-das-chaminés	<i>Hirundo rustica</i>
Andorinha-dáurica	<i>Cecropis daurica</i>
Andorinha-dos-beirais	<i>Delichon urbicum</i>
Rouxinol-bravo	<i>Cettia cetti</i>
Toutinegra-de-barrete	<i>Sylvia atricapilla</i>
Toutinegra-dos-valados	<i>Curruca melanocephala</i>
Toutinegra-de-bigodes	<i>Curruca iberiae</i>
Felosa-do-mato	<i>Curruca undata</i>
Trepadeira-azul	<i>Sitta europaea</i>
Carriça	<i>Troglodytes troglodytes</i>
Estorninho-preto	<i>Sturnus unicolor</i>
Melro	<i>Turdus merula</i>
Solitário	<i>Cercotrichas galactotes</i>
Rouxinol	<i>Luscinia megarhynchos</i>
Rabirruivo	<i>Phoenicurus ochruros</i>
Melro-azul	<i>Monticola solitarius</i>
Cartaxo	<i>Saxicola rubicola</i>
Chasco-ruivo	<i>Oenanthe hispanica</i>
Bico-de-lacre (sp. exótica)	<i>Estrilda astrild</i>
Pardal-do-telhado	<i>Passer domesticus</i>
Pardal-espanhol	<i>Passer hispaniolensis</i>
Pardal-montês	<i>Passer montanus</i>
Pardal-francês	<i>Petronia petronia</i>
Alvéola-cinzenta	<i>Motacilla cinerea</i>
Alvéola-amarela	<i>Motacilla flava</i>
Alvéola-branca	<i>Motacilla alba</i>
Tentilhão	<i>Fringilla coelebs</i>
Bico-grossudo	<i>Coccothraustes coccothraustes</i>
Verdilhão	<i>Chloris chloris</i>
Pintarroxo	<i>Linaria cannabina</i>
Pintassilgo	<i>Carduelis carduelis</i>
Milheirinha-europeia	<i>Serinus serinus</i>
Trigueirão	<i>Emberiza calandra</i>
Cia	<i>Emberiza cia</i>

Contactos:
socios@spea.pt
www.spea.pt



Foz da ribeira do Caia, rio Guadiana, Badajoz (Espanha). Foto: DLeitão/SPEA



Rio Ardila internacional (ZPE de Mourão/Moura/Barrancos). Foto: DLeitão/SPEA



Sapal e salinas de Venta Moinhos (Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António). Foto: DLeitão/SPEA